



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ETNOBIOLOGIA – LATO SENSU**

RENATA LIMA MACHADO DA SILVA

**AS PRÁTICAS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
CAIANA DOS CRIoulos EM ALAGOA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE/PB

2016

RENATA LIMA MACHADO DA SILVA

**AS PRÁTICAS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
CAIANA DOS CRIoulos EM ALAGOA GRANDE-PB**

Artigo apresentado junto ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) em Etnobiologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Etnobiologia.

Orientadora: Prof^a Doutora Érica Caldas Silva de Oliveira (UEPB)
Co-orientador: Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena (UEPB)

CAMPINA GRANDE/PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Renata Lima Machado da.
As práticas de rezas na Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande - PB [manuscrito] / Renata Lima Machado da Silva. - 2016.
24 p.

Digitado.
Monografia (Etnobiologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira, Ciências Biológicas",
, Sistemática e Ecologia".

1. Etnografia. 2. Rituais de rezas. 3.Tradição. 4. Rezadeiras.
I. Título.

21. ed. CDD 306.09

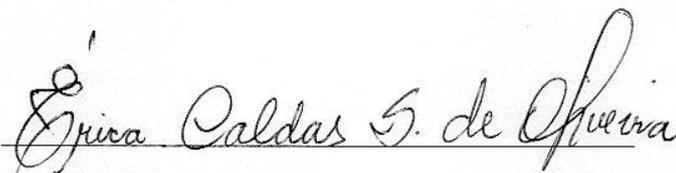
AS PRÁTICAS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
CAIANA DOS CRIoulos EM ALÁGOA GRANDE-PB

Artigo apresentado junto ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) em Etnobiologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Etnobiologia.

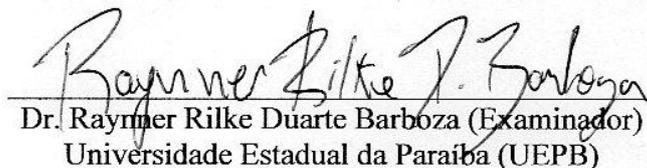
Área de concentração: Etnobiologia

Aprovada em: 14/07/2016.

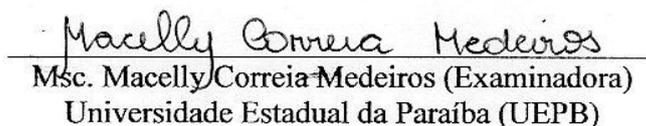
BANCA EXAMINADORA



Profª Doutora Érica Caldas Silva de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Dr. Raymner Rilke Duarte Barboza (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Msc. Macelly Correia Medeiros (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. METODOLOGIA.....	07
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	07
2.2 LOCAL DA PESQUISA.....	07
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	08
2.4 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	08
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	08
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
ABSTRACT.....	
REFERÊNCIAS.....	

AS PRÁTICAS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALAGOA GRANDE-PB

Renata Lima Machado da Silva¹

RESUMO: A prática de cura por meio das rezas ainda é bastante difundida e reconhecida socialmente. Atividade antiga na sociedade brasileira, essa prática têm os seus registros históricos desde o período colonial, pois devido à ausência de padres para a cura de almas e de médicos para a cura do corpo, a população recorria as rezadeiras para se curar e tratar suas doenças. Esta pesquisa teve por objetivo resgatar o conhecimento das rezadeiras e rezadores da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos quanto as suas práticas de rezas e experiências. Os informantes foram 3 rezadeiras e 3 rezadores que residem na comunidade rural de Caiana dos Crioulos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico. Para a coleta de dados, utilizou-se formulários para levantar informações socioeconômicas e entrevistas semi-estruturadas. No tratamento dos dados utilizou-se a técnica de análise de discurso. Anotações complementares ocorreram durante a permanência no local, com registro em caderno de campo. Por meio dos resultados alcançados, observou-se que as práticas de rezas continuam mantidas nesta comunidade, mesmo com os avanços da medicina.

Palavras-chave: Etnografia. Rituais de rezas. Tradição.

1. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba, Especializando em Auditoria e Gestão Ambiental, UEPB, Mestranda em Ciência e Tecnologia Ambiental, UEPB. Av. das Baraúnas, 351, Campus Universitário, Bodocongó, Campina Grande, CEP 58.109-753, Paraíba, Brasil. E-mail: renatalmsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O elemento africano e indígena que representam a base da formação étnica do brasileiro, responde por uma rica herança de práticas ritualísticas, que marcaram e ainda marcam a cultura brasileira (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Entre essas práticas destacam-se rituais de cura, configurando africanos e indígenas como os primeiros curandeiros no período colonial. As mulheres negras que desenvolvem os rituais de não se utilizam somente dos aspectos africanos, mas o exercício da reza é fortemente marcado por elementos do catolicismo e das práticas indígenas da pajelança, o que reforça a concepção de que na diáspora negra aconteceram negociações para que a cultura fosse preservada (AGUIAR, 2009).

Segundo Souza (1982), mulheres conhecidas como rezadeiras ou benzedadeiras, já no período colonial, curavam de sol e sereno (dores de cabeça causada pela insolação e friagem da noite), de quebranto (olhar invejoso direcionado principalmente as crianças), de mau-olhado (olhar invejoso colocado em adultos, animais e plantas), de fogo selvagem (doença com aparecimento de bolhas na pele) e erisipela (infecção na pele causada por bactéria).

Do ponto de vista etnográfico, trata-se de repertórios e saberes materiais e simbólicos que as comunidades e os grupos assumem como suas referências, ou seja, como práticas culturais que representam um significado na vida de seus adeptos, sendo impregnadas de valor (SANTOS, 2009).

O benzimento foi, e ainda é em muitos lugares uma prática de cura bastante difundida e reconhecida socialmente. Atividade antiga na sociedade brasileira, envolve saberes populares que são transmitidos de geração a geração e é realizada principalmente, mas não exclusivamente, por mulheres que a assumem como uma vocação (SANTOS, 2007; SILVA, 2009).

Na visão dos autores Nogueira (2012) e Santos (2010), essa prática têm os seus registros históricos desde o período colonial, pois nessa época a ausência de padres para a “cura de almas” e de médicos para a “cura do corpo”, fazia com que pessoas religiosas recorressem as rezadeiras para se curar e tratar suas doenças.

Geralmente, a prática é aprendida de duas formas: intuitivamente ou por ensinamentos recebidos de alguém mais velho que procura garantir a manutenção de seus conhecimentos, a continuidade de suas rezas. Em ambos os casos, contudo, considera-se que a pessoa aprendiz é agraciada com um dom divino e é justamente isso

que a torna apta a realizar os procedimentos de cura. Seu caráter sagrado, comumente associado ao catolicismo popular, está relacionado com sua finalidade de curar doenças, males que são provenientes do corpo e do espírito (SANTOS, 2007; SILVA, 2009).

Para Santos (2007), as rezadeiras são mulheres que realizam práticas de benzedura, utilizando os saberes de várias experiências religiosas, como as do catolicismo, da umbanda, do candomblé e até do pentecostalismo, tendo como objetivo restabelecer o equilíbrio material e espiritual das pessoas que as procuram. Para compor o ritual, recorrem a vários elementos, tais como: o ramo verde, os gestos em cruz com a mão direita, agulha, linha, pano e rezas.

Nas primeiras décadas do século XXI é possível identificar dois movimentos contrários no que diz respeito a essa antiga prática. De um lado, o avanço constante da técnica e da ciência na área médica, a supremacia do conhecimento biomédico e a universalização da saúde, especialmente nas grandes cidades, contribuem para a diminuição e enfraquecimento dessa expressão da medicina popular, a ponto de se questionar se estará ela condenada a desaparecer com a morte das velhas benzedadeiras (HOROCHOVSKI, 2012). Do outro, trabalhos de resgate dessa atividade, considerada cultura imaterial, e estudos crescentes, em diferentes áreas, sobre saberes populares que tradicionalmente são utilizados no tratamento e cura de doenças, parecem apontar não só para sua manutenção quanto para sua valorização (HOROCHOVSKI, 2015).

É importante destacar que as práticas de curas têm se conservado no Brasil, principalmente na região Nordeste, segundo Andrade (2010) em razão da forte presença da religiosidade popular firmada em promessas, no culto aos santos e nas procissões. Vários autores registram a presença de benzedores em diferentes regiões brasileiras, entre os quais são citados os trabalhos realizados no Nordeste (BEZERRA, 2005; GOMES, 2007; OLIVEIRA E TROVÃO, 2009; SANTOS, 2009; NASCIMENTO, 2010; OLIVEIRA E JÚNIOR, 2011; SENA, 2011; SOUZA, 2011; COSTA, 2012; SILVA E FARINHA, 2012; HOROCHOVSKI, 2015).

O legado cultural dos rituais de cura permanece até os dias atuais em comunidades mais tradicionais entre os indígenas e comunidades quilombolas, principalmente. Caiana dos Crioulos é uma comunidade quilombola reconhecida como um dos 35 quilombos paraibanos. Acredita-se que no passado Caiana chegou a ter 2 mil habitantes, descendentes de escravos que se instalaram na comunidade por volta do século XVIII, vindos de Mamanguape após uma rebelião em um navio que aportou em Baía da Traição. Outra versão quanto a origem da comunidade é a de que surgiu após a

dissolução do quilombo dos Palmares. É uma comunidade que preserva hábitos tradicionais tais como a prática de rezas na cura daquelas pessoas que buscam seu trabalho, muito embora vivendo em uma sociedade moderna.

O presente artigo teve por objetivo resgatar o conhecimento das rezadeiras e rezadores da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos quanto as suas práticas de rezas e experiências. Pesquisar sobre práticas que ainda perpetuam em nossa sociedade é resgatar as origens socioculturais brasileiras, pois esta se configura como um saber criado a partir da miscigenação de diversas culturas presentes no Brasil, traduzindo a história de um povo.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa de campo teve uma abordagem qualitativa, por meio da etnografia, fazendo um regaste sobre as práticas de rezas na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. O delineamento metodológico da pesquisa qualitativa com cunho etnográfico valoriza o saber do outro, possibilitando a interação entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados possuidores de histórias, que passam a ser reveladas e contadas, podendo ser descritos seus tipos de vida e de trabalho nos variados espaços, tempos e lugares (LOURES, 2012).

2.2 Local da Pesquisa

Para esta pesquisa foi escolhida a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, situada no município de Alagoa Grande, no estado da Paraíba. Situa-se na microrregião do Brejo Paraibano e à mesorregião Agreste Paraibano, na região Nordeste. Apresenta uma população estimada de 28.646 habitantes e uma área territorial de 320,563 Km², com densidade demográfica de 88,84 hab/km² (IBGE, 2016).

2.3 Sujeitos da Pesquisa

Os informantes foram todas as rezadeiras e os rezadores pertencentes à comunidade rural quilombola de Caiana dos Crioulos, com a utilização da técnica metodológica denominada “bola de neve” ou “snowball” (BAILEY, 1994; ALBUQUERQUE et. al., 2010).

2.4 Procedimento de Coleta e Análise dos Dados

Foi realizada a observação participante, que possibilitou um contato maior com as rezadeiras e os rezadores, como também momentos em que se pode observar a prática das rezas. Antes de realizar as entrevistas foi explicado do que tratava a pesquisa e se autorizado o/a entrevistado/a assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo uma das exigências do Conselho Nacional de Saúde através do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 466/2012), conforme anexo 1.

Foram utilizados formulários para levantar informações socioeconômicas, tais como nome, idade, sexo, estado civil, número de filhos, religião, escolaridade, naturalidade e profissão.

A forma de buscar seus conhecimentos se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas com uso de formulário composto de perguntas abertas. Alguns tópicos foram redefinidos no local da pesquisa e anotações complementares ocorreram durante a permanência no local, com registro em caderno de campo. Para o tratamento dos dados utilizou-se a técnica de análise de discurso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 6 rezadores, sendo 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, apresentados no quadro abaixo.

Quadro 1: Perfil socioeconômico dos entrevistados

S. M. N., 65 anos, casada, mãe de 7 filhos, católica e agricultura. Começou a prática das rezas aos 40 anos, portanto tem 25 anos que exerce o ofício da reza.
E. J. S., 72 anos, católica, agricultura e auxiliar de serviços gerais na Escola Firmo Santino da Silva. Iniciou o ofício da reza aos 50 anos, sendo assim possui 22 anos de experiência. Começou a rezar seus filhos e familiares a partir da morte da sua mãe, mas hoje reza qualquer pessoa.
S. J. A., 69 anos, viúva, mãe de 8 filhos, católica, agricultura e natural de Alagoa Nova. É rezadeira desde os 18 anos, com 51 anos que exerce a prática de rezas. É a única que reza em voz alta e relatou ter ensinado todas as suas rezas a um dos seus filhos.
F. G. C., 46 anos, casado, pai de uma filha, católico e agricultor. Começou a rezar aos 18 anos, com 28 anos que atua como rezador. Durante a entrevista, relatou que seu ofício não pode ser transmitido a outra pessoa, pois é um dom que nasceu com ele.
S. P. A., 74 anos, casado, católico e agricultor. Começou a rezar aos 36 anos, hoje com 38 anos que exerce o ofício de rezador. Percebe sua importância para aqueles que o procura e se diz ficar satisfeito e feliz ao ver a pessoa melhorar sua saúde depois que é rezado.
M. S. A., 53 anos, casado, pai de 9 filhos, católico e agricultor. Começou a rezar aos 35 anos, hoje com 18 anos que pratica o ofício das rezas. O rezador relatou que seus filhos nunca manifestaram interesse em aprender as rezas, mas que ele teria passado seus conhecimentos.

Dentre os especialistas, a figura masculina se fez presente. Em contrapartida, Costa (2012) não conseguiu encontrar pessoa do sexo masculino que fosse rezador na cidade de Alagoa Nova e aponta para uma forma de enfraquecimento de tal crença está sendo exercido exclusivamente por mulheres, entretanto as rezadeiras cuidam para a preservação de seus rituais de cura.

Pode-se constatar a forte ligação entre a prática de rezar e a religião católica, visto a presença de imagens de santos em suas casas, tais como: Santo Expedito, Santo Anóico, Santa Luzia, Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Santo Antônio. Quanto a fé nas imagens de santos, Oliveira (2014) percebeu a presença de santos da igreja católica misturado com entidades afro-brasileiras nas residências de algumas rezadeiras em Itabaiana/SE. A fé católica depositada nos santos, segundo Oliveira (2014) detêm a peculiaridade para curar determinadas doenças, como por exemplo, à Santa Luzia

atribui-se a cura dos problemas de visão. Quando os rezadores e rezadeiras estão rezando um doente, fazem o sinal da cruz, sendo isso verificado por (SILVA, 2012) em que praticamente todos os rituais de benzeduras fazem o sinal da cruz sob o enfermo.

A partir das observações feitas durante a prática das rezas na comunidade, percebe-se a voz sussurrada da maioria das rezadeiras e rezadores, apenas uma rezadeira reza em voz alta. É importante destacar o que se observou na pesquisa de Costa (2012) em que as rezadeiras afirmaram que não há segredo vindo de seus sussurros, mostrando que rezar baixinho se dá por uma questão de hábito, de aprendizado e não por motivos de manter segredo. Segundo o mesmo autor, um das rezadeiras afirmou que rezar baixo quando tem alguém conversando alto atrapalha na reza, por isso opta por rezar baixinho e se concentrar na reza.

Segundo o discurso dos rezadores, eles são procurados para a prática das rezas tanto por pessoas da própria comunidade quanto por pessoas de outras cidades, que a reza pode ser tanto presencial quanto à distância, pois antes de rezar o rezador pergunta o nome da pessoa e então inicia a reza. A citação abaixo confirma o que foi afirmado por Santos (2009) que as rezas podem ser executadas na presença do cliente, ou à distância, bastando apenas que digam os seus nomes e onde moram.

“Rezo meus filhos que moram no Rio de Janeiro, pois basta ter fé” (M. S. A., 53 anos).

As rezadeiras declararam não cobrar pelas rezas que realizam, apenas uma disse poder aceitar pequenos presentes ofertados pelas pessoas que trazem de “bom coração”. Os relatos dos rezadores e das rezadeiras é corroborado por Maciel e Neto (2006), onde as benzedoras de Juruena-MT afirmam não cobrar pelas “benzições”, mas que podem aceitar presentes de pessoas que o dão de “bom grado”. Isso também é ressaltado pelos rezadores de Bofete, conforme Cândido (1987), que dizem não cobrar e que aceitam apenas alguns “mimos dados de coração”, Medeiros (2013) diz que a reza é um trabalho de caráter voluntário, por ser um dom, algo divino, dado por Deus e por isso se torna um trabalho de doação. Deve ter um caráter de gratuidade e de solidariedade, não havendo, pois, o recebimento de dinheiro. No depoimento de uma das rezadeiras pode-se confirmar isso:

“eu não cobro não, mas se quiser me dar alguma coisa eu aceito” (S. J. A., 69 anos).

As rezadeiras afirmaram que a prática de rezar é um dom permitido por Deus, também existe aqueles que herdaram este ofício dos pais. Um rezador atribuiu ao significado de rezar como sendo: “as orações do pai nosso, ave maria e santa maria e oferecimento da pessoa que está sendo rezada aos santos”. Em pesquisa realizada por Santos (2007) em Cruzeta/RN, a aprendizagem das rezadeiras se deu por familiares e vizinhos, já outras atribuíram os seus conhecimentos por meios sobrenaturais, como guias, sonhos e visões. Um deles falou ter recebido esse ensinamento por meio de sonhos, como observado em trechos dos depoimentos que seguem:

“...um ensino que Deus me deu...” (S. M. N., 65 anos).

“...uma herança deixada por meus pais...” (S. J. A., 69 anos).

“Por volta dos 7 anos de idade, eu rezava enquanto dormia e minha mãe disse que eu falava o nome de santos”, (F. G. C., 46 anos).

“São as orações do pai nosso, ave maria, santa maria e o oferecimento da pessoa que está sendo rezada aos santos”, (S. P. A., 74 anos).

Foi recorrente na fala dos entrevistados a atribuição ao ato de rezar como algo benéfico a saúde daqueles que se encontram doentes e que tem fé. Para Santos (2007) a prática das rezas é entendida como algo que pode promover a cura desde que haja fé tanto por parte das rezadeiras como da parte daquele que busca a reza.

“É saúde, pois os doentes que me procuram saem bem” (S. M. N., 65 anos).

“É um sistema que faz muito bem a pessoa, pois às vezes o indivíduo está com problema material ou espiritual que nem a medicina resolve” (F. G. C., 46 anos).

“Através da fé a pessoa busca ficar bom de algum problema” (M. S. A., 53 anos).

“Dependendo da fé do rezador e de quem está sendo rezado, há esperança de ficar bom” (E. J. S., 72 anos).

Em relação as várias doenças tratadas pelas rezadeiras, citaram mau-olhado, cobreiro, espinhela caída, pé desmentido, dor de cabeça, dor de dente, dor na garganta, dor de ouvido, doença do olho, dor da cruzidade, queda de cabelo, vento caído, dor no estômago, vermelhão no pé, problemas espirituais e materiais. Em pesquisa realizada por Pessoa (2016) em Tacima-PB, as rezadeiras destacaram dentre as doenças que

rezam o vento caído, espinhela caída, carne triada, ferida de boca, dor de cabeça, enxaqueca, dor de ouvido e quebranto, sendo a mais recorrente o mau olhado.

Ao rezar uma pessoa com mau-olhado, uma rezadeira afirmou apresentar alguns sinais como o abrimento da boca e a cuspideira, também disse ser possível durante as orações saber se o mau-olhado foi colocado por uma mulher ou por um homem. O relato dessa rezadeira foi confirmado pela pesquisa de Santos (2006), em que algumas rezadeiras perceberam alguns sinais que indicavam se o olhado foi colocado por uma mulher ou por um homem. Algumas rezadeiras confirmam que o cliente estava com olhado, porque durante a reza ou elas bocejavam ou erravam as orações. Caso, o erro ocorresse durante os Pai nossos, o mal teria sido botado por uma pessoa do sexo masculino, já se o erro ocorre durante às Ave marias, a doença teria sido botada por uma mulher. Como explica uma rezadeira: “A gente só diz se foi olhado de homem ou mulher”.

Para a prática das rezas, as especialistas utilizam variados recursos, sendo alguns específicos para rezar determinadas doenças. Dentre estes se destaca o cordão para rezar espinhela caída, uma garrafa com água e pano branco para rezar dor de cabeça, agulha para pé desmentido; também são utilizadas plantas no ato do benzimento. Em sua pesquisa sobre a percepção das benzedadeiras sobre o cuidado à saúde da criança no município de Caraúbas – RN, Medeiros (2013) fala dos instrumentos usados nas práticas de rezas que incluem ramos, água comum, água benta, agulha, linha, pano, roupas, foto, pilão. Em sua pesquisa com as rezadeiras de Itabaiana-SE, Oliveira (2014) pode observar que para tratar dor de cabeça, as rezadeiras usavam uma garrafa transparente e um pano branco colocado sobre a cabeça do doente.

Os rezadores e rezadeiras afirmaram utilizar 3 ramos com folhas no ritual da reza. O número três representa no plano simbólico, a Santíssima Trindade. Ela também está presente na abertura do ritual, momento no qual o rezador invoca: “com dois te botaram, com três Jesus Cristo tira” (SANTOS, 2010). Dos 6 entrevistados que falaram das plantas utilizadas no ato do benzimento, 6 rezadores citaram o pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), 6 citaram a vassourinha de botão (*Borreria verticillata* L.), 3 a arruda (*Ruta graveolens* L.) e 2 a carrapateira (*Ricinus communis* L.).

Na pesquisa realizada por Fidélis e Oliveira (2016), uma rezadeira utiliza arruda, pinhão-roxo e vassourinha de botão em seus rituais de rezas. Conforme Oliveira e Trovão (2009), a vassourinha de botão é indicada para rezas contra o mal olhado e espinhela caída. Sobre o pinhão-roxo, Oliveira e Trovão (2009) destacam que essa

planta é uma das mais citadas pelos rezadores nos rituais de benção, muito utilizada para curar o “mau olhado” ou o “quebranto”. Houve relato que ao utilizar o ramo com folhas do pinhão-roxo para rezar mau-olhado, há como identificar por meio das folhas se o mau-olhado foi colocado por uma mulher ou por um homem. Todas essas plantas são cultivadas nos quintais dos rezadores e rezadeiras e utilizadas durante a prática da reza.

“Se as folhas se inclinar para dentro o mau-olhado é de mulher e se for para fora é de homem” (S. P. A., 74 anos).

Percebe-se que a planta é utilizada pela maioria dos rezadores no ato do benzimento e que faz parte do ritual da reza, como pode-se constatar isso nas falas de alguns sobre o porquê utilizar a planta durante a reza.

“Porque a planta faz parte da reza e afasta os espíritos ruins”, (F. G. C., 46 anos).

“Utilizo o ramo na benção” (S. J. A., 69 anos).

“Porque o ramo ajuda que o mau daquela pessoa não seja passado para mim”, (M. S. A., 53 anos).

“Porque a planta expulsa o mau que a pessoa tem para fora”, (E. J. S., 72 anos).

“O ramo serve para benzer e afastar a doença”, (S. P. A., 74 anos).

Os ramos usados nos rituais de reza são símbolos que destroem o mau e tem a função de absorver a energia negativa presente no doente. As rezadeiras fazem movimentos em forma de cruces sobre o corpo do doente, num processo de limpeza e depuração (NASCIMENTO, 2010), no simbolismo da benzedura a planta varre as energias ruins que envolvam o doente (RODRIGUES, 2013). Na visão das benzedoras de Itabaiana/SE, a utilização do ramo na hora de rezar impede que as mazelas do benzido passem para o benzedor, (OLIVEIRA, 2014).

Os conhecimentos sobre as práticas de rezas não têm sido transmitidos aos filhos das rezadeiras e rezadores, pois a maioria afirmou que as rezas não podem ser ensinadas pois trata-se de um dom concedido por Deus; apenas uma rezadeira falou ter ensinado todas as suas rezas ao seu filho. Em pesquisa realizada por Pessoa (2016), uma rezadeira disse que a aprendizagem da cura por meio da reza não cabe a qualquer pessoa, visto que deve possuir o dom e afirma: “tem que ter dom, força de vontade e a

fé que a gente tem”. Ainda de acordo com o mesmo autor, as duas rezadeiras de Tacima afirmaram que um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira a uma pessoa do sexo masculino, ou seja, a transmissão dos conhecimentos ocorre entre pessoas do sexo oposto. Para Santos (2007), a não transmissão do saber das rezas entre pessoas do mesmo sexo pode ser explicada como estratégia encontrada pelas rezadeiras afim de restringir o saber e também para controlar a prática de cura por meio das rezas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa serviu para mostrar que as práticas de rezas continuam mantidas na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos mesmo com a medicina moderna. As práticas de rezas são saberes presentes em nossa sociedade desde os primórdios, sendo por muito tempo uma das principais alternativas de cura de grupos menos favorecidos.

Percebe-se que há poucos rezadores e rezadeiras nesta comunidade e isso justifica-se por dois motivos: pelo falecimento de alguns e pelo desinteresse de novos aprendizes. Dos entrevistados, a maioria relatou não ensinar suas práticas de rezas pois trata-se de um “dom dado por Deus”, somente S. J. ensinou suas rezas ao seu filho.

Rezadeiras e rezadores afirmam que rezar é um dom e que assumiram o ofício sagrado de ajudar as pessoas de forma gratuita, curando males oriundos do corpo e do espírito. O ritual da reza é rico em simbologia, incluindo o local aonde se benze, as imagens de santos, os recursos usados no benzimento, as orações, a invocação de santos e o murmurar da voz.

Conhecer e compreender esse universo simbólico nos permite novos olhares sobre essas práticas de rezas em favor da sociedade. Trazer a história de suas práticas é resgatar suas memórias para que não fiquem no passado, como também valorizar suas contribuições para a comunidade.

Entende-se que, ao preservarem e transmitirem uma forma específica de experiência de cura, considerando não apenas a crença mágico-religiosa, mas, sobretudo

o saber empírico popular, os rezadores e rezadeiras contribuirão para a manutenção da memória e tradição de suas comunidade.

PRACTICES OF PRAYERS AT COMMUNITY QUILOMBOLA OF CAIANA THE CREOLES IN ALAGOA GRANDE-PB

ABSTRACT

: The practice of healing through prayer is still widespread and socially recognized. Ancient activity in Brazilian society, this practice have their historical records from the colonial period, because in the absence of standards for the care of souls and doctors for healing the body, the population appealed the prayer to cure and treat their diseases. This research aimed to rescue the knowledge of mourners and chanters of quilombo of Caiana the Creoles as their prayer practices and experiences. Informants were three mourners and chanters 3 residing in the rural community of Caiana Creoles. This is a qualitative research, ethnographic. To collect data, we used forms to raise socio-economic data and semi-structured interviews. In processing of data we used the speech analysis technique. Additional notes occurred during the stay in place, with record in a diary. Through the achieved results, it is observed that the prayer practices are still maintained in this community, even with advances in medicine.

Keywords: Ethnography. Rituals of prayers. Tradition.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. O. Mulheres negras da montanha: as benzedeadas de Rio de Contas, Bahia, na recuperação da saúde. **Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 21 - Ano V - Janeiro/Fevereiro 2009 - ISSN: 1809-2888.

ALBUQUERQUE, U. P, LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N. L. (2010). Métodos e técnicas para a Pesquisa Etnobotânica. 2. ed. Recife: NUPEEA.

ANDRADE, P. **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

BAILEY, K. (1994). *Methods of social reached*. New York. **The Free Press**.

BEZERRA, M. L. L. **Sagradas Mulheres: Mistérios, Rezas e Bênçãos**. Dissertação (Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Pernambuco. 2005.

CÂNDIDO, A. 1987. Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, Rio de Janeiro.

COSTA, K. F. **Em busca do fio de Ariadne: As rezadeiras no labirinto histórico da modernidade – Uma crítica às Teorias do Desencantamento do Mundo (Alagoa Nova – PB – 1980 a 2012)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Estadual da Paraíba.

FIDÉLIS, C. R. **Registro Etnográfico de Rezadeiras no Estado da Paraíba, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas), Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

GOMES, S. R. S. **SAÚDE E SALVAÇÃO: O sagrado das rezadeiras em Paulista**. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco. 2007.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Velhas benzedeadas. Dossiê – O final da vida no século XXI. **Revista Mediações**, Londrina, vol. 17, n. 2, p. 126-140, jul./dez. 2012.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Benzedeadas, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. Guaju, **Matinhos**, v.1, n.2, p. 110-126, jul./dez. 2015.

IBGE. (2016). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em 24/05/2016.

LOURES, P. M. **Inventário de Benzenções, Rezas e Novenas, Folias e Congada: educação nas manifestações culturais**. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

MACIEL, M. R. A.; NETO, G. G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set-dez. 2006.

MEDEIROS, R. E. G.; NASCIMENTO, E. G. C.; DINIZ, G. M. D.; ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 23 [4]: 1339-1357, 2013.

MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. MNEME – **Revista De Humanidades**, 11(29), 2011 – JAN / JULHO.

NASCIMENTO, D. G. **Tradições Discursivas Oraís: Mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares na Região de Itabaiana**. Dissertação (Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S.; TRISTÃO, B. das D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do município de Mara Rasa, Goiás, Brasil. **Élisée, Rev. Geo. UEG**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, C. S.; TROVÃO, D. M. B. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre a prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7. N. 3, p. 245-251, 2009.

OLIVEIRA, E. C. S.; JUNIOR, E. O. C. Saúde e Doença: Recursos Utilizados em Rituais de Cura no Estado da Paraíba. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 6, n. 01, ISSN 1983-4209, 2011.

OLIVEIRA, J. E. S. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: Entre Herança Cultural, A Modernidade e os Rituais de Cura**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2014.

PESSOA, J. R. G. **Práticas de Rezas e Benzeções: a cura através das rezas em comunidades urbanas e rurais na cidade de Tacima –PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de História), Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

RODRIGUES, B. B. **Crenças e quebrações de um corpo que dança: poéticas do benzimento na criação cênica**. Dissertação (Pós-Graduação em Artes Cênicas), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.

SANTOS, M. F. J. Antes do pôr do sol: Mística nas rezadeiras de Itabaiana. **Caminhos**, Goiânia, v. 8, n. 2, jul/dez, 2010, p. 79-91.

SENA, F. C. **Trajetória de espiritualidade de Mulheres Rezadeiras: O que a vida lhes ensinou?** Tese (Pós-Graduação em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. 2011.

SILVA, C. S. Rezadeiras: guardiãs da memória. ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SILVA, M. C; FARINHA, A. C. AS Benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012 - ISSN 1983-2850.

SOUZA, L. M. **Deus e o Diabo na Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

SOUZA, F. R.; SOUZA, M. L. G. A Arte da Benção e da Cura na Memória e Identidade das Mulheres das Comunidades Quilombolas de Caiana dos Crioulos e do Grilo. **III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais**. 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

**TÍTULO DA PESQUISA: AS PRÁTICAS DE REZAS NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALAGOA
GRANDE-PB**

Dados pessoais dos informantes

Nome:

Idade:

Sexo: F () M ()

Estado Civil: Solteiro () Casado () Viúvo () Outro ()

Tem filhos: Sim () Não ()

Religião:

Escolaridade: Analfabeto () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Magistério ()
) Ensino Superior ()

Naturalidade:

Profissão: Agricultor () Estudante () Comerciante () Doméstico/a () Funcionário/a
Público () Outra ()

**ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA SOBRE AS PRÁTICAS DE REZAS
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos EM
ALAGOA GRANDE-PB**

1. O que é rezar?
2. Qual a importância da reza?
3. A partir de que idade iniciou a prática de rezar.
4. A quanto tempo faz uso das práticas de rezas?
5. Quais as plantas utilizadas nos rituais de rezas e qual parte da planta é utilizada?
6. Por que utilizar a planta durante a reza?
7. O conhecimento sobre a prática da reza é passado as gerações futuras?

ANEXO

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

(OBS: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e que não estejam inseridas nas hipóteses de vulnerabilidade que impossibilitam o livre discernimento com autonomia para o exercício dos atos da vida civil).

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “ AS PRÁTICAS DE REZAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALAGOA GRANDE-PB”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “ As práticas de rezas na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB”, terá como objetivo geral realizar objetivo resgatar o conhecimento das rezadeiras e rezadores da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos quanto as suas práticas de rezas e experiências.

Ao voluntário só caberá a autorização para responder as entrevistas e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 99986-3738 com Renata Lima Machado da Silva.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).

